

conheces sancho?

maria helena ventura

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Gaia ● Riba de Vizela ● Palencia
Santa Maria da Feira ● Zamora ●
Arouca ●
Buçaco ●
Coimbra ● S. Paulo de Almaziva ●
Leiria ●
Alcobaça ● Ourém ●
Pedrogão ● Ciudad Rodrigo ●
Elvas ● Toledo ●
Sevilha ●

LOCAIS
DA
NARRATIVA

ECOS DO TEMPO DAS BRUMAS

Os passos da mulher frágil ecoam pela nave da igreja, quando o último raio de sol se despede da fresta, a ocidente. Na cabeceira do templo, um mancebo louro e pálido dobra a savana do altar

E D. Pelayo, aonde está?

O jovem aponta a gelosia da capela lateral, a três braças de distância

Lá em baixo, na cripta, arrumando cartas de doação, mas querieis...

Vira-lhe as costas, direita ao cubículo anexo. Afasta mais a gelosia, pega no facho enfiado no gancho de ferro, a um palmo do ombro esquerdo e projecta-se pelas escadas estreitas com a outra mão a roçar a parede fria.

Antes de o clarão do archote varrer a escuridão da catacumba, soa a voz rouca do clérigo

Quem vem lá com tanta pressa?

Sou eu, D. Pelayo, Elvira — pára no último degrau com a mão no peito, arfante — A minha ama sumiu, ardendo em febre, num abrir e fechar de olhos...

O padre abre os braços em cruz, como se o corpo anafado não bastasse para esconder o arcaz, depois avança dois passos e tira-lhe o facho da mão

Como a deixastes fugir, se dizeis que ardia em febre?

Que sei eu... ora prostrada desde o raiar da aurora, como que a

dormitar, ora entoando a mesma ladainha, de olhos fechados, jamais pensei que se escapulisse enquanto lhe preparava a mezinha

Esperai um pouco por mim, apagou-se-me o brandão, sei lá por quê. É só o tempo de aferrolhar uns documentos. Guardava agora mesmo um pergaminho e uma carta de doação de que vos deveis lembrar...

Falais de quê, D. Pelayo?

De uma avultada quantia guardada em Toledo para um certo infante, e da escritura de um paço para o mesmo destinatário...

Ah, já alcanço o que dizeis. Cuidai dos documentos com desvelo, até o dono aparecer

A tarde morre agora em lamentos de alaúde. Pesadas nuvens cinzentas fermentam ruins presságios, clarões incandescentes riscam a negrura, antes de os trovões deflagrarem como trote de cavalos.

A mancha negra, em cabelo, avança pela vereda em passos hesitantes, magra de carnes, as mãos mirradas como nervuras de uma cúpula minúscula. Impelida pelo vento, quase paira sobre os corpúsculos castanhos que se desprendem das árvores, como se andasse à deriva. Avista a ponte sobre o rio Carrión, coagulado de frio. Agora há uma rota definida. Avança, de cabelos desgrenhados, a lembrarem ramos ressequidos por um fogo implacável. Aos que se cruzam com ela, prende os braços, os olhos agitados como torrentes, no Inverno.

Conheces Sancho? Diz-me se conheces Sancho...

Empurram-na com esgares de desprezo

Chega para lá, bruxa velha

Aguenta-se arrimada ao muro. Aquela palavra, *bruxa*, ainda faz sangrar uma velha ferida. Era assim que lhe chamavam em surdina, entre risos abafados, quando só de amor ardia. E prossegue a travessia da ponte até alcançar o campo, já a noite se vai fechando rasa de frio e silêncio. Nem voz humana nos alpendres descarnados, nem piar de pássaro nas moitas cerradas.

Elvira dá por ela, lá ao fundo, depois de atravessar o caminho. Apon-ta o corpo enrolado sobre si mesmo

Parece que estou a vê-la, D. Pelayo, vamos andando naquela direcção

Agora já distinguem o débil fio de voz em sons desordenados, cantos ou rezas, estribilhos de delírio para amolecer a dor das lembranças

Ajudai-me a levantá-la, padre, sozinha não vou conseguir — e para

a sua ama, descomposta — *arrimai-vos ao meu braço, senhora, vamos embora daqui*

Mecia enrola-se mais, volta a cabeça na direcção do céu negro

Aonde te escondes, Sancho... por que não vens?

D. Pelayo abana a cabeça, condoído daquela tristeza toda

A esta altura ainda pergunta por ele?

Agora mais do que nunca, talvez pela consciência do fim

O clérigo curva-se sobre a figura miúda de Mecia, tenta sossegá-la com palavras mansas. Quando, de um só fôlego, lhe levanta o corpo esguio, ela abre os olhos já de cor indefinida, numa mirada de angústia

E tu... conheces Sancho... sabes dizer-me aonde está?

Há um sussurro de vozes nas ruelas, sons de paz, a rotina costumeira. Conforta o cheiro bom das panelas, o fumo sobre os telhados, o róseo tom da manhã depois de tanta tormenta.

Noite insone para Elvira. Mudar os panos de linho na cabeça da sua ama, trocar-lhe a roupa molhada depois de a febre ceder, cantar-lhe trovas antigas que ela mesma lhe ensinara, de tanto as ouvir às velhas aias. Viu-a sorrir duas vezes. Talvez lhe tivesse devolvido o colorido da infância, o perfume dos campos de Zamora, Llodio, Nájera ou Vizcaya.

Batem palmas na entrada principal. Só pode ser D. Pelayo, mais ninguém lhes faz visitas pela manhã, nem D. Diego López de Salcedo depois de lavrado o testamento. Elvira vem ao patamar, de dedo colado aos lábios

Subi, padre, de mansinho. A febre serenou e a minha senhora dorme

D. Mecia abre os olhos quando o clérigo entra. Já não há sinal de nuvem no seu rosto

Deixai Elvira falar, o que ela quis dizer, é que dormito, acordada

Folgo de vos encontrar melhor, senhora D. Mencia

Melhor por quê, D. Pelayo? É só um intervalo, uma vigília, mas o que importa dói, há-de afogar-me não tarda muito tempo

E o que vos dói assim tanto, senhora?

Engole em seco, de olhos postos no tecto, ou à procura das palavras certas, ou a travar a emoção

Saber que Sancho partiu cuidando que eu o traíra... é isso que tanto dói

Leva a mão à garganta para reprimir o soluço. Elvira faz-lhe um afa-

go no queixo com a ponta do indicador e afasta-se, para não chorar por ela. Já tiveram aquela conversa dúzias de vezes, nas últimas semanas.

Desce as escadas traseiras para mergulhar no quintal. Os pássaros acordam, um tracejado irregular nas árvores enquadradas pelo muro pardo. Espreguiçam as asas pequeninas, frágeis como a lonjura. Senta-se no banco de pedra, de cabeça inclinada para trás. Quantas saudades da sua Ourém no cheiro do amanhecer. Por que tão pronto acedera em vir com D. Mecia, que em Castela dizem Mencia? As aias biscainhas tinham ficado em Coimbra, quando aquilo aconteceu. Era preciso enfraquecer o rei roubando-lhe a mulher, era preciso enfraquecer a rainha destruindo os poucos laços que lhe davam força.

Contava ela há vinte e quatro anos, mal chegavam a Plasencia, como aquele homem malcheiroso a arrebatara do leito, de mão peluda na sua boca pequena para lhe afogar os gritos. Consumido pela angústia, o coração quase lhe explodia no peito a tentar chamar por Sancho, no quarto em frente do seu, sem conseguir. E nem Martim Gil de Soverosa, vencido pelo cansaço, dava pelos gemidos abafados, ou pelos passos do brutamontes no lajedo.

Depois era pior: a mordança na mata, enquanto o raptor, tresandando a vinho e suor, lhe levantava o vestido quase a consumir o acto, não fora o aviso oportuno de um dos homens

Cuidado, D. Reimão, nosso senhor D. Afonso de Bologne não quer semente plantada no corpo dela. Se germinar, lá dirá que é do seu rei e tudo fica perdido...

Ele apertava as pernas para conter o ímpeto, apalpava-lhe os seios com prazer de macho arreitado, passava-lhe a língua pelos lábios ressequidos. Por fim tirava o lenço do rosto, ufano de revelar a identidade: era Raimundo Viegas de Portocarreiro, um varão da cúria que muito bem conhecia. Do cimo da sua altivez grosseira ria muito, então e depois, quando entregava o corpo quase desfalecido em Ourém aos adeptos do curador do reino.

Ameaçada pelos privados do bolonhês, enquanto o camareiro dele, Pedro Ourigues, espreitava por uma frincha da porta. Se não quisesse renunciar ao marido, não lhe dariam a vila onde agora se encontrava. Pois se já lhe pertencia, por doação do esposo... D. Sancho corria depois a Ourém com os seus homens, tentava subir ao recinto do castelo berrando por ela como um louco. Como resposta risos de escárnio, uma

chuva de pedras e setas atiradas sem respeito sobre o seu cavalo. E deixava tombar o escudo, como se preferisse a esmola da morte que não lhe queriam dar, retirando-se humilhado para o paço de Coimbra. Chorava, diziam os seus privados...

Também ela vertia quentes lágrimas, de mãos a tapar o rosto. E vivia o degredo de muitas violações e ameaças piores, até lhe quebrarem o ânimo

E agora, aceitais os nossos termos?

Davam-lhe Herrin de Campo e outras terras pequenas, se abdicasse das suas vilas e senhorios no reino de Portugal. Que lhe importavam a ela? Nada queria, a não ser a liberdade. Repetia, já sem forças, que só queria ser livre, mas ninguém fazia caso. E deixava de articular palavra com os olhos perdidos lá fora em lugar nenhum, como se esperasse, no movimento do córrego entre campos cultivados, uma entidade secreta que a pudesse libertar. Dava pelos cultivadores de enxada às costas como mortos vivos, por mulas carregadas de farinha para alimentar o castelo, por escassos almocreves que em dias certos passavam, mas ninguém aparecia para saber do seu estado. Só um raio de sol a entrar pelas lumieiras, ou as estrelas na imensidão da noite, eram sinais de bonança, como os ramos das giestas pintalgados de luar.

As aias partiam de Coimbra para Leão e Laredo, onde as famílias viviam, ela era encontrada em Ourém para servir a que fugazmente fora rainha de Portugal. Levada à sua presença não via rainha nenhuma, só uma mulher formosa desfeada pelo desgosto, com os olhos inchados de chorar.

Daí a dias chegava D. Iñigo, futuro alcaide da vila, para fazer crer aos que resistiam ao infante usurpador que D. Mecia não estava cativa senão da sua vontade. Até escolhera um nobre da Vizcaya para governar o castelo da que era vila sua. O povo, escondido pelas furnas, temeroso dos vendavais da guerra, passava a acreditar no que se vinha repetindo à boca calada: *a bruxa enfeitou el-rei e agora vira-lhe as costas.*

Mas o tempo em Ourém seria escasso. Em breve era obrigada a viajar sem que ninguém suspeitasse. Era a hora de assumir o curador do reino recomendado pelo papa, não havia tempo para dedicar ao sumiço da rainha. E lá partia uma manhã fria de Inverno, acompanhada pela nova aia que já muito bem lhe queria. Também, de que servia querer ficar na sua terra, junto dos seus? O pai baixara à gafaria mais próxima,

a mãe e os irmãos, menores do que ela, catavam a bolota e os bagos da videira para não morrerem à fome. Partisse a filha, e haveria esperança de salvação para todos.

Os mais novos ainda foram a tempo. Recebeu-os daí a um ano e meio em terras de Villafáfila, depois de casar com Ferrán Pérez, porteiro de D. Mecia. Os pais acabaram os dias na gafaria de Coimbra, a melhor e mais humana do reino, onde criavam patos e vendiam ovos.

Limpa as lágrimas rebeldes. A tristeza do passado pode ser pesado fardo se não for aliviada com uma vida ditosa. Levanta-se em direcção à parede, sob a janela do quarto. Apura o ouvido, distingue a voz miúda da ama a encadear a conversa. Só muito de longe-em-longe D. Pelayo se atreve a interromper, para controlar o caudal de um relato adormecido.

MEMÓRIAS: POALHA DE OURO
DO TEMPO

*E*ra uma tarde na corte da rainha D. Beatriz da Suábia...
De D. Berenguela, quereis dizer, não é, senhora?
De D. Beatriz, sei o que digo. A rainha-mãe nunca me viu com bons olhos, ou não sabeis que minha avó, Inez Iñiguez de Mendoza, pariu minha mãe no ano em que Dona Berenguela se casou com meu avô, rei de León?

Padre Pelayo mastiga em seco. Talvez D. Mencia esteja mais lúcida do que Elvira lhe fizera crer. O melhor é deixá-la falar à vontade, diga o que disser. Haverá tempo, depois, para filtrar o sentido das palavras

Meu tio, el-rei D. Fernando III, propôs à mãe que eu e minhas irmãs ficássemos com as damas de D. Isabel, a sua Beatriz, que era sorridente e doce. Quando trouxe Sancho a Zamora, naquela Primavera em que firmaram o tratado do Sabugal, estava lá eu com a rainha e o infante D. Afonso

Nessa altura seríeis uma donzela...

Ja fazer dezasseis anos, estava casada com Alvar há mais de dois

Então vosso esposo também lá estava convosco

Não, partira essa manhã para Jérez de La Frontera com Diego Pérez de Vargas, que então armou cavaleiro

E D. Sancho acabava de chegar, dizíeis vós...

Sancho aparecia com meia dúzia de privados. Era rei e em nada o semelhava, tão tímido, tão modestamente vestido

Seria ainda novo, nessa altura

Andaria pelos vinte anos, de semblante fechado como se fosse cativo de um mundo subterrâneo. Mas quando os nossos olhos se cruzaram, foi como se um sol intenso rasgasse o negro véu que tapava a minha juventude. Senti logo por ele a mais serena explosão de afecto

Entendo, seria amor... mas para o sentirdes, nada vos ligaria a D. Alvar Pérez de Castro, a não ser o contrato de casamento

Eu não diria melhor, padre Pelayo... habituava-me a um senhor que me impuseram, por quem chegara a sentir repugnância logo que me tomava

O clérigo ajeita o corpo ao banco, incomodado com o pormenor

Adiante, senhora... e depois?

Depois conversava com Sancho durante meia hora, ríamo-nos de coisas insignificantes, discutíamos o sentido da vida, os valores mais importantes

Coincidiam, quereis dizer?

Dei comigo a pensar nos desencontros da vida, ou nos encontros tardios. Cada um para seu lado e no entanto compatíveis

Descansai um pouco, senhora — interrompe o clérigo de bochechas coradas, de novo perturbado com o rumo da conversa

Ainda não, padre Pelayo. Sempre que Alvar partia, era em Sancho que pensava; de cada vez que me possuía, era Sancho que eu desejava

Calai-vos um pouco, senhora Dona Mencia, precisais de descansar

Rodrigo Gonçalves Girão, meu cunhado e privado de meu tio, era um grande aliado, ele e meu pai, que me trazia notícias da fronteira

Mas vosso irmão D. Diego, que agora serve el-rei D. Afonso, não se hostilizou com D. Fernando pela protecção que ele dava a esse desconcerto?

Que desconcerto, D. Pelayo? — Consegue soerguer-se, movida pela indignação — É cristão implodir um sentimento puro e recíproco, como se fosse o maior pecado, e ninguém condena a entrega de uma menina, mal desabrocha para a idade núbil, a um varão senil e libidinoso sem ouvir a vontade dela?

Não foi isso que eu quis dizer, senhora...

Meu irmão revoltou-se contra nosso tio por ele lhe quitar Rioja... de minha correspondência inofensiva com Sancho, nunca chegou a saber

Depois ficastes viúva...

Antes disso as searas verdejaram e amadureceram muitas estações, os pomares tomaram cor e deram fruto

Mas nunca esqueceste o rei de Portugal...

Não, sempre pensei em Sancho com ternura, como ele pensava em mim

Faz um intervalo para encher o peito de ar e retoma com dificuldade D. Beatriz morreu antes da sogra, já Sancho mergulhava no Algarve Ouvi dizer que era valente, na guerra...

Já ninguém fala dos feitos, mas foi por sua vontade que alargaram metade do território. Enquanto mostrava ser um digno cruzado das campanhas da Ibéria, afastava-se das violentas intrigas que dilaceravam o reino

Não tinha vida serena, vosso esposo

Não... procurava apaziguar descontentamentos antigos, fazia acordos instáveis com o bispo do Porto e o arcebispo de Braga, lidava com os excessos praticados em seu nome. Meu tio acreditava que eu lhe traria a paz de que tanto carecia e que ele me daria a estabilidade que até ali me faltara

E por que ninguém soube do vosso casamento, senhora?

Só não soube D. Berenguela, a quem faltava saúde mas sobrava determinação: mal ouvia rumores do nosso entendimento, tratava de aconselhar Sancho a esquecer-me. E já lhe procurava esposa em França, com ajuda da irmã, D. Branca. — Respira de novo com dificuldade — Tivemos a bênção de outra escolha da rainha-mãe de França para segunda esposa de meu tio, D. Joana d'Aumalle. Sabendo do temperamento da sogra, que procurou dominá-la mal ela chegava ao paço, tudo fez para a contrariar, apoiando a minha união com Sancho

Mas onde param as escrituras do enlace, era a isso que eu me referia...

Os documentos... até aqui em Palencia, cidade que meu pai ajudou a fundar, sofreram perseguição e vós sabeis... levaram o mesmo caminho dos outros registos da cúria de Sancho. — Inclina agora o rosto na direcção do padre, com a ponta do queixo a roçar o ombro esquerdo — É por isso que vos peço tanto cuidado com aquelas escrituras...

Podeis descansar, senhora, já mandei chamar o destinatário, conforme me pedistes, mas disseram-me que andava por Aragão, onde teria casado...

Gostava tanto de vê-lo... seria como ver Sancho, de novo

Ao menos fostes feliz com o vosso rei?

Sancho era diferente de todos os varões que eu conhecera. Tinha uns olhos meigos, tristes como os de um órfão...

Que o era, D. Mencia

Não... digo de um órfão de família inteira. Hoje, com este último sopro de vida, posso dizer que fomos ditosos durante o tempo que nos foi concedido

E o que mandais que se faça, senhora?

Já comecei o principal, D. Pelayo, mandei Ferrán Pérez chamar meu irmão e fray Diego Ruiz, meus testamenteiros, para umas últimas disposições. De vós quero a promessa de que não desistireis de Afonso Sanches e que me ministreis a extrema-unção...

Mas estais tão bem, senhora, nada indica que...

Fazei como vos mando, agora mesmo

Segue os preparativos do padre a colocar o sobrepeliz e a estola, atenta às palavras das preces que ele murmura de mãos unidas e olhos fechados. Também ela fecha os seus enquanto recebe o sacramento, num raro momento de paz. Depois, como se um vento forte lhe agitasse as ideias, volta a ser capturada pela mesma agitação da véspera, uma semi-consciência de frases às vezes coerentes e rigorosas: ... *em S. Miguel de Escalada, estão lá algumas escrituras... D. Fernando de La Cerda é o meu principal herdeiro, não podereis esquecer... Deve estar agora em Ciudad Real... ide chamá-lo antes que seja tarde, para lhe confiar a quem mais quero doar certos bens*

O padre desfaz-se de aparatos. Tenta colher as palavras como destroços que uma onda gigante tivesse atirado à praia, depois de revolver o passado, retalhos de vida num linguajar nem sempre inteligível. Vem à escada que dá para o quintal chamar Elvira. Que ouça também com os seus próprios ouvidos. Precisa de alguém que o ajude a depurar as frases, a condensar as ideias

Que me intitulo rainha... pois que o sou, ou não serei? Não me nega o tratamento D. Violant, nem el-rei D. Afonso X, nem os maiores de Castela...

Farta-se de repetir o mesmo — segreda Elvira ao padre, que lhe pede silêncio para não perder uma palavra

Só Portugal manchou de sangue e lágrimas o meu nome, o resto da minha vida e a do meu amado rei. Que as suas acções foram de perdição para o reino de Portugal? Se até a vida mais pobre tem seus momentos de glória, como não encontrar mérito nos feitos de mais de vinte anos de reinado?

Soluça agora convulsivamente, amachucando a orla do mantel. Elvira limpa-lhe os olhos fechados, refresca-lhe o rosto pálido com água do agomil

*Vede como ainda mantém os traços da antiga formosura, padre
Aquele retrato medonho que lhe fizeram, em nada se parece com ela,
sabeis quem foi?*

Sei quem mandou... maldito seja, mais quem obedeceu

E para a sua ama, de novo ardendo em febre a perguntar o que dizem
Vamos, senhora, descansai, tudo está lá muito longe, muito longe...

E Sancho, sabes de Sancho?

D. Sancho está quase a chegar, traz-vos um ramo de lírios

Acaba por descansar, arfando, com o esboço de um sorriso na comisura dos lábios. Nada ali lembra o requinte de uma antiga rainha, tudo é simples como a vida dos cristãos mais pobres: móveis singelos, jarros de barro grosseiro, enxoval sem rendas nem atavios. Decidira assim mal fazia o testamento, repartindo uma boa fatia dos haveres pelo infante D. Fernando de La Cerda, primogénito do seu primo direito Afonso X. No meio do silêncio, falaz silêncio feito de sons subliminares, um fio de voz ainda desafia a existência que se vai desligando daquele corpo franzino.

E já não é ela, é um desdobrar de entidades que em seu nome se revezam para relatar o passado, distanciadas dos sentimentos e das emoções, enquanto os pássaros, lá fora, chilreiam belos madrigais para celebrar a vida.

É RA U MA V EZ U M M EN I N O

Depois de o cortejo fúnebre depositar o féretro em Santa Cruz, sobe agora a ladeira até ao paço da alcáçova com o jovem rei no meio. O povo, temeroso dos poderes da escuridão, foi-se retirando mal o sol se escondeu por detrás do casario. Os destemidos que permaneceram, inclinam a cabeça ao herdeiro em discreta veneração. Sancho corresponde com a mão direita levantada.

Choveu todo o caminho, está encharcado até aos ossos. Só quando se apeia, no pátio, dá pelo desconforto do fato colado ao seu corpo magro. O movimento nunca foi tão intenso. As portas franqueiam-se aos barões do Norte e seus vassallos, aos cavaleiros vilãos dos concelhos que vêm apresentar condolências. Os maiores da cúria aceitam-nas em nome do pequeno rei e mandam-no subir, para trocar as vestiduras. Os criados acendem a lareira da sala do trono, preparam a selha para o banho, reaquecem a ceia entretanto arrefecida. A cozinha fervilha como nos velhos tempos.

O Inverno ainda se arrasta pelos contornos da noite numa despedida morosa e o negrume vem cobrindo os telhados húmidos com um espesso manto de névoas. Só o aroma das panelas e do espeto conforta os nobres de jornada tão longa. Tristeza não, a tristeza não é deles, é dos infantes. Não esperam por Sancho para devorar a carne assada. Teresa Martins de Riba de Vizela, prima do alferes-mor e antiga ama de Sancho, faz um esgar de desprezo quando passa pelo átrio. Quem olhará pelo pequeno rei e pelos irmãos com afecto genuíno? Sobe ao quarto onde

se encontram, para esperar o menino que em tempos amamentara. Alguém se lembrara de os reunir a todos sob o mesmo tecto, na altura em que pusessem a coroa na cabeça de Sancho.

Já a entrar na idade núbil, Leonor bem sabe que o futuro é incerto. Que destino lhe darão? Afonso finge valentia com os punhos cerrados, embora siga todos os movimentos dos barões da cúria. Fernando, de apenas cinco anos, repete que não entende porque o castigaram e lhe roubaram os pais. Deixava de comer naquela tarde em que procurava Sancho e lhe diziam que ele se preparava para viajar até Santarém, para trazer o corpo do pai. Antes de partir, o futuro rei afagava-lhe os cabelos anelados e falava-lhe baixinho

O que tens, por que não comes?

O pequeno virava para ele os olhos grandes marejados, e de lábios esticados num amuo sentido, confessava a sua mágoa

Os pais não gostavam de nós, a mãe partiu e não me disse nada, só confessou que estava doente, agora o pai foi embora e também não me avisou. Devia gostar mais de João Afonso, quis ir para o céu com ele...

Não entendo o que diz — queixava-se Leonor, embrulhada numa tácita distância. Sancho calava, com o coração apertado. Tão pouco Fernando convivera com o pai e tanto ansiava pelo seu abraço. Só Afonso exibia aquele sorriso irónico e traduzia o desgosto do mais novo

Não sabes que os bastardos do pai também morreram? — Piscava um olho, a pedir cumplicidade. Sancho puxava-o contra a parede, de punhos cerrados, e falava-lhe em tom de voz quase inaudível

Como sabia ele dos bastardos?

Disse-lho eu, não fossem outros fazê-lo, mas para não sofrer muito, contei-lhe que ambos tinham partido. — Tremia diante do furor do irmão maior

Devias ter vergonha — dizia-lhe o pequeno rei, largando-o depois bruscamente. E afagando de novo o rosto do mais pequeno, ali mesmo lhe contava que havia dois bastardos, sim, mas estavam ainda vivos. O pai não fora nada ao encontro deles, tivera que partir por não aguentar as dores.

Sacode os cabelos molhados como se afastasse as lembranças, antes de empurrar a porta. Teme mais a responsabilidade familiar do que o cenho dos barões da cúria. Teresa insiste para que se junte aos conselheiros, mas Sancho rejeita a ideia

Não será a melhor altura para deixar os meus irmãos sozinhos, senhora

Está bem — e puxa-lhe os ombros contra o seu peito — Martim Martins virá fazer-vos companhia, não tardará a chegar. Vou mandar entregar aqui um caldo quente, um naco de carne para cada um, talvez...

Batem na porta de manso. Agora é Elvira Peres, antiga ama de Afonso. Soubera pelos filhos do cunhado Pedro Garcia, antigo reposteiro de D. Afonso II, que el-rei não iria cear e precisava de falar com ele

Dizei... — incita Sancho em voz sumida, já cansado

Eu e meus criados levaremos amanhã cedo D. Afonso de novo para S. Salvador dos Arcos, concordais, senhor D. Sancho?

Não, senhora, não concordo... meus irmãos ficarão comigo

Mas meu esposo teria gostado que ele prosseguisse o treino das armas e que Estêvão o ajudasse a superar...

Vosso filho pode vir sempre que quiser, para ficar com o colação. Quanto a vosso esposo, D. João Garcia, já não vos pode aconselhar... essas decisões agora cabem-me a mim. Garanto-vos que Afonso continuará o treino das armas

Olha para o infante, com firmeza na expressão. Elvira troca depois um olhar de entendimento com Teresa. Se D. Sancho quer mostrar autoridade desde já, que assim seja. Até ordens em contrário, fará como ele ordenar.

Já saciados, os barões mandam-no chamar à sala de armas. Que ainda não, manda dizer Teresa, o rei está a acabar de cear. Quando desce, franzino e amedrontado, repara que Abril Peres está em primeiro plano, não sabe se a disputar o poder, se a representar os demais. Sempre ouviu falar do seu carácter violento, das manobras de extorsão nas terras que governava. E alguns dos outros não serão melhores. Os da família Sousa abandonaram o reino, como inimigos do pai.

Identifica-os a todos, num varrimento ocular urgente. Rodrigo Mendes de Sousa ficou, Gonçalo e Garcia partiram um dia e voltaram, quando seu pai fez um acordo provisório com as irmãs. Afastaram-se outra vez, reaparecem agora... Pêro Anes de Portocarreiro e Soeiro Gomes de Tougues ainda não consegue avaliar. Em Martim Anes de Riba de Vizela e Gil Vasques de Soverosa, tem plena confiança. O mesmo pode dizer dos primos Martim Gil de Arões, da família dos Guedões de Refojo

de Basto e Fernando Fernandes Cogominho. Ou dos Velho, de Marco de Canaveses e Baião, ou dos Peres Espinhel, ligados aos de Riba de Vizela. Avalia agora melhor os primos Portocarreiro, o representante do arcebispo de Braga. Deve haver bons elementos em cada lado desta e das outras linhagens. O que impede a harmonia neste começo de reinado é o facto de serem adversários uns dos outros. Gil Vasques e Estêvão Soares da Silva não se podem ver, mas ele precisa de ambos, por razões diferentes.

Gil ajudou a executar os bens do arcebispo de Braga no julgado de Coimbra, a mando do falecido rei. É uma das cabeças mais lúcidas para exigirem contrapartidas às pretensões de D. Estêvão. O arcebispo é o garante das relações cordiais com o papa, com a Igreja do reino, da Ibéria toda.

Abril Peres é o primeiro a falar, agora sentado no escano, de perna traçada e olhos piscos. Deve ter bebido uma canada de vinho, como é costume

Sabeis que tudo fica como estava, não sabeis?

Se vos referis às funções de cada um, sei muito bem, meu pai escreveu-me há um mês, a contar tudo

E o que dizeis? — Pergunta Gonçalo Mendes com ar sonolento

Mesmo que dissesse alguma coisa, iria adiantar? — O chanceler abre os olhos, franze a testa, sem esconder uma ponta de raiva pela ironia. Parece-lhe que terão de tomar medidas para domar o potro. — Aceito a vontade de meu pai e espero que me ajudeis a governar — conclui o pequeno Sancho

Governaremos nós em vosso nome, preparando a transição conforme vosso pai determinou. Eu como chanceler e Pêro Anes da Nóvoa como mordomo, por enquanto, faremos o que estiver ao nosso alcance

Por que dizeis por enquanto?

Henriques Mendes de Sousa adianta-se. Deliberámos que eu seria o vosso tutor principal e que daqui a seis meses assumiria o lugar de Pêro

Como quiserdes, mas D. Gonçalo não falou do alferes...

Falo eu, senhor D. Sancho. — Martim Anes avança um passo — responderei por mim e pelas minhas acções. Pôr-vos-ei ao corrente dos planos traçados por nosso senhor, vosso pai, agora mesmo, se assim o desejardes

Agradeço, D. Martim, mas este é um momento de luto... talvez seja melhor adiar para amanhã as questões da governação. Só quero agradecer o apoio e afirmar que muito prezo o entendimento na minha cúria

Ninguém responde, são minutos de um silêncio intranquilo... Ou do cansaço da viagem ou da surpresa pela ironia, não sabem o que dizer. Talvez contassem que o pequeno Sancho se limitasse a abanar a cabeça, acatando decisões sem manifestar opinião. Afinal não passa de um varão ainda na puerícia. Mas o pequeno rei sente-se um vencedor, fez-lhes saber que está ao corrente de tudo. E afasta-se em direcção às escadas.

Gonçalo Mendes começa a tamborilar com os dedos no tampo da mesa, de olhos perdidos na janela. As vozes dos outros aumentam de volume, à medida que disputam entre si o privilégio de maior ascendência sobre o rei. Por si calavam-no num abrir e fechar de olhos, sem lhe permitir que abrisse a boca, mas mestre Vicente e o papa, o papa e mestre Vicente... muito protegem o varão por causa da pouca idade. Regressaram de Leão para reassumir um lugar de prestígio na corte, um lugar que o defunto rei negara às famílias que tomaram o partido das irmãs, e agora o herdeiro, ainda de cueiros, já quer mostrar que está acima de todos.

Gil Vasques de Soverosa procura fazer as vezes de fiel da balança. Está cansado de ouvir falar de D. Sancho com tão pouco respeito

Ele é o rei, é natural que queira tomar partes nos assuntos da governação. Coloquem-se no lugar dele e não-de compreender

Pois não estamos nós a fazê-lo? É um varão imberbe, nada sabe do mister, como pode enfrentar os tutores com arrogância? — Pergunta Lourenço Viegas de Portocarreiro, irritado

Não é ele o culpado, sois vós, a tratá-lo como se fosse apenas um moço de estrebaria. O momento exige ou não um auto de investidura?

Que auto? — Atira Gonçalo Mendes — *Põe-se-lhe a coroa na cabeça, o manto escarlate pelos ombros e a espada na mão direita, pronto*

Martim Anes toma o partido do senhor de Soverosa

Estou do lado de Gil Vasques. D. Sancho é uma criança, tem só mais um ano do que o meu filho. Posso entender-lhe a rebeldia e ao mesmo tempo a vontade de ser respeitado

Deve estar amedrontado — apazigua João Fernandes de Lima — *apelar à autoridade é uma forma de mostrar que está pronto para a governação. E como diz Gil Vasques, D. Sancho deve sentir falta do ritual de reconhecimento da sua condição de rei*

Reconhecimento, João Fernandes? Bem se vê que tendes sido vós, os de Lima, Soverosa e de Riba de Vizela, os mais favorecidos pela coroa. Traremos ao paço uma manceba arreitada, e logo veremos se está preparado ou

não. — É Abril Peres a sugerir que o rei deve crescer à pressa, despertando gargalhadas na maioria dos outros.

A discussão avançaria pela noite dentro, entre vasos de vinho e nacos de vianda, se um criado não se chegasse ao pé do chanceler com um pedido

D. Teresa Martins pede que não falem tão alto, senhor, ouvem-se as vozes no quarto dos infantes

Gonçalo Mendes bate as palmas, depois a voz possante de Garcia, senhor do Eixo, desperta os que dormitam sobre as peles. Concordam que já deviam ter-se deitado, a jornada foi longa e fastidiosa. O chanceler resume só os pontos importantes a tratar nos próximos dias, um deles a questão da herança das irmãs do rei que acaba de morrer

É a prioridade deles — murmura Gil Vasques ao ouvido do alferes, enquanto Gonçalo revela a urgência de conduzir o rei a Lisboa para renegociar com o Templo o usufruto e a exploração das terras e castelos deixados às tias

O alinhamento com o arcebispo de Braga é evidente — sussurra Martim Anes, em conversa paralela com o senhor de Soverosa.

Finalmente Abril Peres avança para a porta e os outros seguem-no, a cambalear. Gil Vasques e Martim Anes permanecem, só o tempo de jurar um pacto de defesa dos interesses de Sancho, como se traçassem uma fronteira que não deixarão ninguém ultrapassar. Bem sabem que essa linha imaginária corresponde à diferença ideológica entre os homens da cúria. Longe de se ter desvanecido, a divisão entre famílias que se acentuava já no reinado anterior, ameaça agora a estabilidade do novo reinado.

MADRE, TENGO MIEDO

O dia amanhece chuvoso. Sancho gosta de dias assim, como se a cortina de água o mantivesse invisível. Costumava cavalgar à chuva nos campos de Santo Tirso, até a tarde cair. Depois aguentava o sermão de Teresa, do mestre do *Trivium*, do instrutor de armas, mudava o fato e dormia a noite toda.

Já preparado de forma modesta, antecipando o prazer da cavalgada, bem cedo desce à sala anexa à cozinha. Ainda não há sinal de desjejum, nem de cozinheiros. O único criado já a pé, um mancebo da sua idade, corre a chamá-los, mas ainda estão ferrados no sono, até o uchão. O pequeno rei sente um nó na garganta quando o jovem lhe traz as sobras da véspera

Quando, em tempo de meus avós, se atreviam a dar as sobras ao rei?

Não encontrei mais nada preparado, senhor D. Sancho, perdoai...

Deixai, não tendes culpa. E até aprovo essa medida de se apresentarem as sobras, tanto ao rei como aos cortesãos. — Encara o rosto do varão — Quanto aos criados da copa e da cozinha, dissei-lhes que o rei manda que passem a deixar a enxerga mais cedo

Sai para o terreiro. Isidro Peres já aguarda com o palafrém aparelhado. Descem agora a colina e atravessam o rio, mortos por cavalgar entre adémias e planícies verdes para os lados da foz. Às notícias do agravamento da saúde do pai, Sancho fechava-se na salinha de D. Urraca a ver

o cadastro dos bens da nobreza, das igrejas, das abadias, numa cópia que ela guardava das inquirições de há quase três anos. Quanta riqueza acumulada pelas doações dos patronos, quanta discórdia pela apropriação indevida de mais terras. Para que queriam tanto património? Se tão grandes fatias de território pertenciam ao rei, ao clero e à nobreza, o que sobraria para o povo?

Já a viver em Coimbra, depois da morte da mãe, gostava de repetir as cavalgadas que fazia em Riba Douro por campos lhanos a perder de vista. E inspirando o ar da manhã em cada estação, gravava a formosa paisagem na retina: o fumo a sair dos casais, nos dias frios de Inverno; no tempo das lavras foreiros falando às bestas, como iguais; os campos lembrando jardins, na Primavera; as searas douradas, no Verão, moios de trigo como padrões ao sol, casas orlando o rio de margens ainda instáveis.

Mal sabe do burburinho levantado pela sua ausência: quem deixou o rei abalar sozinho, com quem foi, que privados sabiam das suas intenções. Irmanados no mesmo interesse de não o perderem de vista, tudo farão, de futuro, para que haja sempre alguém a vigiá-lo

A câmara do rei deve passar para o outro lado do paço, onde dormimos nós — grita Abril Peres — não pode distrair-se com questões familiares

E um criado deve fazer plantão à porta, dia e noite, de modo a pedir ajuda se ele resolver sair — remata Gonçalo Mendes

Mas Sancho não está sozinho. Apreendeu o que lhe ensinaram, deu ouvidos à intuição que sempre lhe recomendou equilíbrio nas acções. Isidro combinou de véspera com dois vilãos da confiança do alcaide, que os aguardassem à saída da ponte. O seu rei queria olhar de longe o limite das terras regalengas, às vezes ameaçado, e ouvir as queixas dos camponeses.

Depois de cavalgarem cinco milhas, Isidro Peres aponta uma herdade sob o domínio dos crúzios. Talvez D. Sancho queira partilhar a refeição dos cultivadores, num casebre de cobertura precária. Assim fazem. Os dois vilãos levam peixota, que eles condimentam com ervas de cheiro por falta de sal, muito caro para as bolsas pobres. Dizem-lhe que ali a vida é dura. Chovendo muito, dormem tapados com sacos de burel ou de estamemha, padecendo de frio e quantas vezes de fome

Esvai-se a saúde e o ânimo dos varões para investir energias nas terras ou nas armas, senhor — reclama um ancião sem dentes

Uma cadeia bem oleada, se os senhores da terra o entendessem, faria com que os braços mourejassem com mais força — comenta outro mais novo

E convidam-no para nova refeição, prometendo oferecer uma lebre no espeto se mandar dizer qual o dia em que pensa honrá-los com outra visita.

Sancho revê a hospitalidade e as falas durante a viagem de regresso, já tarde feita. Bom jeito lhe daria ter, como seus conselheiros, alguns daqueles varões, calejados pelo trabalho, de sizo aprimorado pelo rigor da vida.

Mal chega ao pátio e desmonta, é abordado por João Fernandes de Lima, por de mais aperreado

D. Sancho, senhor D. Sancho, tenho algumas novidades menos boas...

Diz-lhe, sempre em andamento e com o nobre atrás dele, que só vai mudar de fato. Gosta do galego, antigo mordomo do avô e casado com a sua barregã, Maria Pais da Ribeira, depois da morte de Berengária Afonso de Baião. João Fernandes insiste

Ouvi-me, senhor, não é para esse lado, destinaram-vos a câmara da vossa mãe na outra ponta do paço...

Sancho pára, de repente

E quem mandou que assim fosse?

Abril Peres de Lumiares... era isso que vos queria dizer

E sai, constrangido por dar a notícia, condoído da expressão do pequeno rei. Já no quarto, Sancho engole em seco enquanto troca a túnica molhada. Por que se arroga Abril o direito de dispor da sua vida? Devia cultivar, como seu pai, o afecto antigo por um descendente de Egas Moniz e de seu bisavô Afonso Henriques, mas nunca viu varão mais arrogante. Ostenta o poder adquirido à custa de privilégios reais como se fosse ele o próprio rei.

Mal entra na salinha que pertencera a D. Urraca, o criado vem dizer-lhe que o chamam à sala do trono há mais de meia hora

Quem? — Pergunta, de olhos nos documentos espalhados pela mesa

Os membros da vossa cúria, senhor... e pedem-vos alguma urgência

Sancho levanta a cabeça devagar, para encarar o criado

Alguma urgência... do que se trata, apurastes?

Não, senhor, mas parece ser coisa relacionada com a vossa investidura

Dizei-lhes que doravante serei eu a convocá-los

O criado fica pregado ao chão, sentindo no corpo o rumor de tempestade

Precisais que repita a ordem?

Não, senhor, entendi perfeitamente

E parte, temeroso do que possa acontecer, mal transmite a lacónica mensagem. Que não recaia sobre ele a ira dos senhores...

Gil Vasques é o primeiro a chegar, como se tivesse confidências a fazer Sentis-vos bem aqui, senhor D. Sancho, não é?

Sabeis que sim, no aconchego deste espaço passaremos a tratar dos assuntos importantes. E vossos companheiros, aonde estão?

Devem estar por aí a romper — e baixando o tom de voz — ficaram por de mais irados com a vossa ordem

Entendo-os muito bem, também não gosto nada que me convoquem como se fosse um subordinado

Preparai-vos, senhor, querem levar-vos a Lisboa nos próximos dias, por causa da questão de vossas tias

Têm assim tanta pressa?

Fazei por concordar com eles, é uma questão que não podemos contornar

E mestre Vicente?

Ocupado com assuntos do bispado. Mal chegue, pedir-lhe-ei opinião

Precisamos de tacto, D. Gil, com tanta hostilidade entre os meus principais

Culpa das eternas ligações ao clero, senhor... das quezílias herdadas por vosso pai. Mas folgo em ver que já reparais no essencial

Queria perguntar-vos, em particular: devo continuar com D. Pêro Anes da Nóvoa, como mordomo?

É a melhor escolha, senhor D. Sancho... estive com vosso pai depois da morte de Martim Fernandes, vosso aio

O papa Honório III culpou-o de ser um mau conselheiro...

E também de fomentar a minha discórdia com o arcebispo. Os acordes da música chegam a Roma conforme a tocam os clérigos do reino. Há muita gente interessada no lugar, pronta a fazer intriga

Falais de Henrique Mendes de Sousa?

Já não teve desavenças com Pêro Anes da Nóvoa... já não vos declarou a esperança de um dia ocupar o posto?

Às vezes hesito... será que D. Pêro me será fiel?

Era filho de uma Peres de Trava, mas casou com D. Urraca Pires da Maia, cunhada da vossa ama-de-leite

E quanto aos de Sousa, de novo?

Não preciso de vos dizer, senhor, só voltaram de Leão por causa do trato provisório com vosso pai

Meu pai renovaria o prestígio que a família mantinha no tempo dos meus avós, em troca da protecção que me devia dar

Nem mais. Vosso pai calculava que houvesse um equilíbrio de forças, se vós fôsseis o fiel da balança

E as famílias lá temem algum travão, D. Gil? Bem noto os ressentimentos à flor da pele. Passo as noites a pensar quem mais me será fiel, além de vós...

Não preciso dizer-vos, senhor, que Martim Anes é um varão dos melhores, já era alferes antes de vosso pai falecer

Mais do que um alferes, essa é a verdade... levava o estandarte, as insígnias e representava o rei, impossibilitado de estar à frente das hostes

Em breve trará para o paço um dos vassallos, João Pires Moreira, para vigiar quem vos rodeia

E bem preciso, D. Gil, embora mais me agradasse um corpo de valentes cavaleiros com idade próxima da minha... Com o meu colação, o mais valente e leal dos varões, sei que posso sempre contar, mas o ideal seria um grupo mais alargado, que pudesse fazer-me companhia daqui em diante

Por agora sabeis que os antigos herdeiros das linhagens vos disputam como um troféu — abre os braços e encolhe os ombros, com um sorriso — mas em breve não faltará sangue moço preparado para a guerra: o meu filho Martim Gil, o filho do alferes, Gil Martins de Riba de Vizela...

Conheço muito bem, temos estado em contacto desde que veio de S. Pedro da Polvoreira

Ou Lourenço Martins, herdeiro de Martim Gil de Arões

Agora outro assunto, D. Gil...

Interrompe, os barões da cúria vêm entrando de cenho carregado. Já devem ter esquecido a ideia de investidura, ressentidos com o seu rasgo de independência. Gonçalo Mendes tenta abordar a fuga da manhã com recriminações, mas Sancho não tolera o tom e coloca um travão no assunto

Basta, limitai-vos às questões da governação, D. Gonçalo

O chanceler tossica, para disfarçar a vontade de lhe dar uma ver-

gastada. Pela segunda vez o infante resolve dar ordens aos tutores, varões de idade avançada e muitos trabalhos passados. Já mais calmo, com os outros sentados em semicírculo à volta do franzino rei, insiste no apaziguamento da casa real com o clero, começando pela satisfação da vontade das tias prejudicadas na herança paterna.

Como avisara Gil Vasques, não pensam noutra coisa senão em fazer a vontade ao arcebispo de Braga. A ele, preocupa-o a nomeação dos alcaides dos castelos que o avô deixara às filhas, a manutenção de boas relações com os frades guerreiros. Precisarão deles e do seu empenho nas futuras campanhas de alargamento do território. Gonçalo Mendes continua a falar, antecipando medidas para depois da viagem

A seguir teremos que reunir a cúria, para se calcular a compensação devida às infantas e as indemnizações ao clero. Só depois disso haverá paz

A palavra paz soa bem aos ouvidos do rei, *indemnizações ao clero*, nem por isso

Falais em compensar os membros do clero, mas de quê?

Mangais connosco, senhor? Gonçalo fala dos privilégios que o vosso pai lhes retirou — atalha Garcia Mendes de Sousa, senhor do Eixo — se quereis o apoio da Igreja, tendes que ressarcir os lesados

E quem vai avaliar o montante dessas compensações? — Pergunta Sancho com muito acerto

Frei Soeiro Gomes, prior de S. Domingos, D. Garcia Mendes da arquidiocese de Braga e D. Fernando Peres, chantre da Sé de Lisboa

Levanta-se, incomodado. D. Estêvão deve comandar a pequena hoste. E o discurso será todo à volta da necessidade de estabelecer a paz entre clero e nobreza desavindos, sem abdicar dos seus privilégios, é claro. Não agradava a seu pai, o rei Afonso, nem a D. Gil Vasques, a hostilidade e ambição do arcebispo, irmão da velha ama do herdeiro

Meu pai já não deixara esse assunto arrumado?

Não, senhor — esclarece o chanceler — vosso pai nunca resolveu esse diferendo a contento das infantas

A contento de minhas tias, ou dos apoiantes?...

Um frio estranho atravessa a sala numa onda de silêncio. Martim Anes e Gil Vasques temem o rumo da conversa. Fazem-lhe sinais discretos convencidos de que, na sua inocência, ele esquecerá o conselho de não levantar obstáculos, enquanto o papa não confirmasse o seu estatuto de rei.

Mas Sancho nem esqueceu, nem está alheio às mensagens gestuais. Admite que nada sabe da arte de governar e que, tendo ao seu dispor bons conselheiros, deveria ouvi-los. Afinal navega num mar tempestuoso. Mas quem lhe pode negar o direito de opinar, de fazer perguntas sobre os assuntos pendentes? Gostaria de vincar uma posição, desde já

Em quanto estimais o que a coroa terá de pagar? — Continua

Entre dívidas de vosso pai e património derribado, talvez entre trinta a cinquenta mil maravedis — sublinha Abril Peres, arrastando as palavras.

Sancho arregala os olhos, transtornado

Isso não pode ser dessa forma... é muito ouro em troca de nada

Gil Vasques levanta um braço, muito orgulhoso do pequeno rei

É claro que tendes razão, senhor, mas sossegai, também nós iremos exigir compensação pelos agravos feitos a vosso pai: nem mais nem menos que o levantamento do interdito ao reino e sepultura cristã para D. Afonso

Se D. Estêvão Soares concordar com essa parte, pouco me importa perder as reservas que indicais

Concordará, se mandardes depositar na conta dele seis mil morabitanos — atalha Gonçalo Mendes

Ontem falastes que havia mais depósitos a fazer — é o galego a clarificar as coisas — e mencionastes os locais para o depósito: na Torre de Água Levada uns trinta mil e depois em Santa Cruz os restantes vinte mil

Como garantia de que serão cumpridas as sentenças...

Se o rei disser que sim, essa palavra não basta? — Ousa Sancho perguntar

Não lhe respondem. Vai até à janela, enojado com o visco de ambição à sua volta, para colher compensação na pureza da paisagem. Uma brisa suave agita a copa dos álamos e empurra os tufos de nuvens. Se a Natureza é tão sábia no seu discreto equilíbrio, por que destoam os homens com ruído e intolerância? Obedecer a ordens do clero em questões familiares e públicas é um princípio que não gostaria de encorajar no seu reinado. O pai falava do perigo de confiar às irmãs domínios estratégicos. Alcança agora que mais uma vez demonstrara acerto na governação. Nunca seriam elas a geri-los, mas alguns ambiciosos em seu nome. Vira-se para trás, cansado da reunião

Se não tendes mais nada urgente, por agora, podeis então afastar-vos

Observa-os pelo canto do olho. Os mais avessos ainda o fulminam

com o olhar. De repente lembra-se do agravo de há pouco e atira, sem eles contarem

Não sei quem teve a ideia, mas não me agradou nada a troca de quarto à última hora, sem me consultarem. Gostaria que não repetissem a façanha

Abril Peres aproxima-se dois palmos, de peito saliente e modos rudes

Não tendes que gostar, ou desgostar, a vossa pouca idade e menor calo não chegam para saberdes o que melhor vos convém. Já antes vos tínhamos dado a entender que devíeis ter o vosso quarto afastado do espaço dos infantes

O tom de voz e a arrogância de Abril amedrontam-no, mas também ali estão varões que o podem defender. Agora sim, é altura de vincar de quem é a autoridade suprema, antes que os excessos se avolumem

Não chega dar a entender, D. Abril Peres, o rei precisa de saber tudo o que se passa na sua casa e no reino... tudo o que vai acontecer antes de ser consumado lhe interessa. E depois, também eu já tinha dito que preciso de proteger meus irmãos, órfãos de mãe e de pai

Abril levanta a voz. *Proteger de quem... de quê? Foi também para que ficassem preservados da vida agitada que iríeis encetar, que tomei esta medida*

Ninguém toma medidas sem reunião prévia comigo, fui claro, desta vez?

O senhor de Lumiares cerra os punhos. Os nobres vigiam-se, em silêncio. Há muita crispação no ar. Um rapaz de treze anos a desafiá-los como igual? Sancho fica atento às palavras omissas, à troca de olhares, aos sons. Ausculta o ruído da porta, lá em baixo, a voz do guarda, os cascos das bestas. Apesar da idade avançada, é ágil a experiência destes varões que ocupam os mais altos cargos. Tem de ter cuidado com eles, bem podem querer tirá-lo do trono se não cooperar. Abril Peres não abrirá mão das ambições. Desta vez fica sem argumentos, para a próxima nunca se sabe.

Vão saindo à vez de costas voltadas, só Martim Anes e Gil Vasques se guardam para o fim, deixando a sala de frente para o rei. O pequeno Sancho ali fica abandonado aos pensamentos, de olhos fechados e corpo encostado à janela. Teresa entra daí a pouco, manda fechar a porta e afaga-lhe os cabelos

*Ide cear, há manjares apeteceveis feitos a pensar em vós
Não quero cear com eles, só me toleram por eu ser o novo rei
Comereis aqui... depois ireis acostar-vos, porque os infantes já dormem
Chamavas-me Sancho, apenas, já não sou o teu menino?*

E como sois, mas também sois o meu rei, o meu senhor. E já antes ensaiastes essa forma de tratamento

Hoje estou mais carente... mas está bem, senhora, farei como deve ser feito. Ide adiante de mim

Sobe as escadas, mal sorve o caldo de carne. Com ela a vigiar a pouca distância, empurra a grossa porta do quarto, que depois encosta devagar. Espera com o rosto colado à madeira, para ouvir os passos da ama, agora em sentido contrário. Caminha até à cama dos irmãos, chega-se ao rosto deles

Afonso... Fernando, estais acordados?

O menor já não responde. Afonso soergue a cabeça com a boca meio encoberta pela roupa e atira com ironia

Se és o rei, por que tens medo?

Não tenho medo, só vinha ver se precisáveis de mim

Ouve-lhe o riso abafado enquanto afasta o reposteiro que separa aquele espaço do quarto de Leonor. Abeira-se da cama. A ama ressona, a um canto, ela respira suavemente. Aconchega-lhe o mantel, dirige-se à porta sem ruído

Aonde vais? — É de novo a voz de Afonso, a vigiar no escuro

Para o meu quarto, do outro lado da planta, mas se tiverdes medo de ficar sós, não irei...

Não posso responder por Fernando e Leonor, mas eu não tenho medo nenhum, não preciso que me defendas

Sancho mergulha no novo quarto, o quarto de sua mãe. Tudo na mesma, ninguém se atreveu a mudar senão a roupa da cama. Tira o cinto, despe o saio, enfia o camisão gosseiro. Está preparado para se estender no leito quando um vulto da sua estatura emerge dos reposteiros espessos. Irá matá-lo? Esqueceu-se da espada na bainha de pele, erro de principiante. Olha em redor, o castiçal de prata pousado na arca de castanho pode ajudar, mas...

Sois uma dona... o que fazeis na minha câmara?

Nada que não queirais, deixai-me aproximar

E toma-o quase de assalto, firmando o joelho na borda do leito,

numa luta corpo-a-corpo em que o vence pelo cansaço. Sancho resiste enquanto pode. Tenta chamar o criado, não consegue. A mulher cola a boca húmida à dele, os seios ao seu corpo gelado. Transido de medo, cheio de vergonha, hesita entre gritar por ajuda, ou calar a humilhação. Gritando pode ser ajudado pelo guarda, mas vai atrair o gozo dos cortesãos. Só pode ser ideia de algum deles... A noite serenara há pouco, o céu abrira. A pálida luz das estrelas que lhe alumiaava o leito, parece afundar-se agora com ele num mar de lodo. O quarto é negro espesso de breu. Sem ruído não há vida. Terá morrido, tão novo?

Antes de a mulher sair, a porta range. Suspeita que alguém tenha vigiado a cena, para a reportar aos outros num serão animado... Não consegue adormecer, tem as entranhas revolvidas, o peito comprimido pela angústia. Toda a noite lhe passam diante dos olhos imagens do alferes Martim Anes e Gil Vasques a pedirem contenção. Sabiam do que falavam, conhecem bem a natureza dos rudes varões da cúria. Um deles teve vontade de o castigar pela rebeldia, foi o que foi. Lentamente recupera memórias gratas de há anos: a aia da mãe a pentear-lhe os longos cabelos louros, os aromas campestres dos passeios matinais ainda colados ao fato, o carinho da sua ama, Teresa. Depois impõem-se-lhe lembranças tristes, que não queria evocar, como o cortejo fúnebre do pai de Santa-rém para Coimbra. O rosto dele aparece-lhe sem contornos definidos, por causa do lenço que lhe encobria as feições.

Levanta-se para ajoelhar diante do oratório. Esqueceram-se de acender as velas, mas prefere que os santos não o vejam. E depois, sempre gostou de rezar com a janela aberta, à luz das estrelas. Fecha os olhos, ergue as mãos

Madre Urraca, tengo miedo, mucho miedo...

Nada... só o atroz silêncio, cúmplice da violência de há pouco. Não foi assim que imaginou conhecer o corpo de uma mulher... Tem a cabeça a latejar. As lágrimas correm-lhe pelo rosto em afagos quentes às mãos unidas. A mãe dissera-lhe um dia que só poderia reconhecer a felicidade depois de viver a angústia. Que tomasse sempre a última como indício da primeira. A sua voz serena, de longe, parece agora exortá-lo a empunhar as armas da confiança

Tendras que ser fuerte, Sancho... eres el rey

E adormece ali mesmo, de corpo colado à laje.

...

Amanceba empurra a porta meio encostada do quarto do fundo. Em frente da janela, em contraluz, o barão emborca o vinho da cabaça em goladas sucessivas. Deixa que ela avance mais um pouco e quase lhe roce a espalda

Venho buscar o que me prometestes...

O homem roda o corpo, com um sorriso disfarçado pela barba. De uma algibeira do saio retira uma bolsa de couro com moedas, que agita diante dela

Falava de prazer, prometestes-me prazer e ainda não o senti...

Ele rodeia-lhe a cintura de rompante, esmaga-lhe a boca com os beijos peludos. Depois arremessa-a contra a enxerga e paga o resto do preço... Só quando os gemidos se extinguem, serena o paço da alcáçova.